

Qual é o estado da inovação?

O nosso objectivo é transformar ideias e práticas educativas numa perspectiva intercultural. Nós concordamos que os actuais sistemas de ensino não beneficiam de igual forma todos os alunos, e propomos uma educação intercultural como uma abordagem útil para mudar a escola e contribuir para a transformação da sociedade, de forma a torná-la mais inclusiva e justa.

Para iniciar cada um dos nossos projectos, começámos por analisar o estado precedente da arte, o contexto de cada instituição participante e o de cada país, assim como as ferramentas capazes de identificar o estado de implementação duma educação intercultural em cada instituição. Uma das conclusões dessas análises, foi o de salientar o facto de que nós usamos os mesmos termos, mas não sempre as mesmas ideias, ou seja, que as nossas suposições comuns poderiam esconder algumas divergências, que precisam de ser mais profundamente analisadas.

É por isso que foi decidido que uma das primeiras tarefas da rede do nosso projecto seria o desenvolvimento de um novo Estado da Inovação. A equipa que alcançou a coordenação desta tarefa decidiu começar a analisar as ideias dos parceiros dentro da Rede INTER NETWORK. Este relatório mostra os resultados dessa análise.

Como fizemos isso?

A proposta original INTER NETWORK lidava com quatro dimensões diferentes em Educação Intercultural, que constituem a estrutura do nosso trabalho comum:

- a) fundamentações teóricas
- b) formação de professores
- c) práticas escolares
- d) recursos e comunicação.

A fim de descobrir o que significa a Educação Intercultural nos diferentes parceiros e também para beneficiar das ideias de todos, nós pensámos que um questionário poderia ser um instrumento útil para reunir opiniões num curto espaço de tempo para um grupo tão grande e disperso.

A nossa intenção era a de obter respostas a nível pessoal (em vez de um ponto de vista apenas institucional) ao longo de três diferentes linhas: ideias sobre o tema, a análise do próprio contexto (definido por cada parceiro numa base profissional, nacional, europeu ou qualquer outro), e a distância entre ambos, as ideias e o contexto. Questionar sobre as lacunas que tentámos esclarecer e aperfeiçoar os limites dos nossos acordos e apontar as nossas grandes discordâncias sobre o que pensam os parceiros relativamente à Educação Intercultural, e também como deve ser aplicado e quais são as principais dificuldades que encontrámos em colocar as nossas ideias em práticas. Foram incluídas as seguintes orientações para preencher o questionário:

- Esperamos que a resposta seja da sua própria perspectiva, dando-nos algumas referências significativas e apenas quando acha que elas são necessárias;

This project has been funded with support from the European Commission.
This publication reflects the views only for the author, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

- Nós não queremos respostas longas, mas significativas, por favor use o tempo necessário para pensar nelas;
 - Quando perguntamos sobre o contexto, esperamos que se fale sobre o que sabe / trabalho / está interessado, e não deve estar apenas focado no seu contexto nacional; lembrar que isto é uma rede europeia e precisamos de oferecer uma perspectiva global.
- As últimas perguntas foram as seguintes:

Relativamente às Fundamentações Teóricas perguntámos:

- O que é que acha da Educação Intercultural?
- É diferente de como ela é usada no seu contexto?
- Por favor dê-nos cinco referências teóricas significativas e diga-nos por que é que as escolheu.

Sobre a Formação de Professores queríamos saber:

- Que tipo de competências e qualificações deverá ter um professor sobre a Interculturalidade;
- Sobre que tipo de Programas de Educação Intercultural está o professor ciente;
- Que tipo de necessidades ou lacunas existem;
- Outros comentários e sugestões para melhorar a Educação Intercultural.

Em Práticas Escolares tentámos descobrir:

- Práticas que se conhecem e que seguem uma perspectiva de Educação Intercultural;
- As lacunas entre teoria e prática (incluindo os Programas de Formação de Professores).

E finalmente tivemos a intenção de saber acerca dos Recursos e Comunicação:

- Recursos que se tem conhecimento e que seguem uma perspectiva intercultural;
- Como é que deverá ser feita a comunicação, a partir de uma abordagem intercultural, entre os membros de uma comunidade escolar?
- Que lacunas se vê a partir dessa perspectiva.

Os principais problemas identificados nas respostas ao questionário, foram relacionadas com a ambiguidade de alguns destes conceitos, que são utilizados de forma divergente em diferentes contextos, e também para a dificuldade de limitar e definir um contexto e de os relacionar com ideias pessoais. Nós, os membros do grupo encarregue desta análise, também participámos, respondendo ao questionário. Este facto fez-nos ganhar consciência das dificuldades e tornou possível ao mesmo tempo, ajudar até certo ponto os parceiros a esclarecer algumas questões.

As respostas que obtivemos não tinham informações específicas sobre as pessoas que responderam ao questionário, uma vez que se deu a possibilidade de trabalhar

individualmente ou colectivamente, e nós não solicitámos informações sobre os mesmos. As respostas foram escritas em quatro idiomas (Espanhol, Inglês, Italiano e Francês), mas temos de estar conscientes acerca do facto de que alguns questionários foram respondidos numa das línguas e, em seguida, traduzido para Inglês por diferentes pessoas. Talvez o caso mais explícito dos mal entendidos da própria tradução, era sobre a expressão "para aumentar as diferenças", que nos intrigou até falarmos com as pessoas que aparentemente o tinham escrito e descobriu-se que eles estavam tão baralhados como nós, porque o que eles realmente queriam dizer era "para valorizar as diferenças".

Lidámos com a complexidade das respostas de uma dupla perspectiva. Por um lado, queríamos apontar as nossas ideias comuns, o que já tinha sido partilhado, e que já tínhamos também acordado. Por outro lado, também já tínhamos identificado as nossas divergências, como material para futuras discussões e enriquecimento para todos os membros.

Para fazer a análise, reduziu-se em primeiro lugar as respostas a frases curtas, e de lá tentámos extrair o que nós achávamos que eram os conceitos subjacentes, claro que é importante notar que este processo está incorporado com a nossa própria interpretação. Depois disso, e como forma de validar o processo, andámos à volta, procurando os conceitos nas respostas fornecidas pelos questionários. O nosso objectivo foi novamente duplo: primeiro, para confirmar que os conceitos seleccionados foram realmente utilizados pelos participantes, e em segundo lugar, contextualizá-los e utilizar alguns excertos como exemplos. Este processo complexo, deixou-nos comparar facilmente e agrupar as principais ideias.

Os resultados preliminares foram apresentados numa conferência em Varsóvia. E nós concluímos, tentando abrir uma discussão geral entre todos os parceiros sobre algumas ideias que nós pensámos que necessitavam de mais discussão. Também se abriu um fórum na plataforma virtual para manter viva esta discussão, mas até agora ninguém participou. Nós ainda esperamos que este Relatório vá incentivar um debate.

Depois da Conferência de Varsóvia, ao escrever a última versão do nosso documento a ser incluída no processo, tivemos a impressão de que precisávamos de continuar a explorar as respostas obtidas, a fim de reflectir de forma mais exhaustiva a riqueza das ideias dos parceiros. Depois desta segunda análise ter sido terminada pelos coordenadores, encontramos-nos em Verona, com a restante equipa do grupo de trabalho para partilhar as nossas ideias, para concluir o relatório final.

Fundamentação teórica sobre a Educação Intercultural

A primeira dimensão de análise diz respeito aos pressupostos teóricos sobre o que é Educação Intercultural:

-O que é que pensamos sobre a Educação Intercultural?

-Esta perspectiva é diferente da forma como a educação intercultural é implementada nos nossos contextos?

-Referências teóricas significativas.

A nossa primeira conclusão é que em geral, estamos mais de acordo sobre a teoria, do que sobre a prática. Com isto queremos dizer que as nossas ideias teóricas sobre a educação intercultural, têm mais em comum do que o que pensamos sobre a forma como a sua prática deveria ser.

A maioria de nós concordou que a Educação Intercultural está relacionada, em primeiro lugar, com a cultura em geral, ou culturas em particular, e alguns de nós identificam-na até como uma consciência cultural. Temos alguns exemplos dos nossos parceiros, de opiniões sobre o que é a educação intercultural.

As outras duas ideias relacionadas com a Educação Intercultural, em que os parceiros estão de acordo são a equidade e a inclusão.

Num terceiro nível, os parceiros enfatizaram as ideias de colaboração, participação, troca e relação, que nós consideramos maneiras ligeiramente diferentes de expressar a mesma ideia.

Finalmente, gostaríamos de salientar três ideias que os parceiros identificaram sobre a Educação Intercultural, que também estão relacionadas entre si: a aprendizagem, a compreensão, e o questionar.

Reflectindo sobre alguns dos conceitos partilhados pelos parceiros, parecia que estivemos a falar de três dimensões diferentes, que fazem parte da definição da Educação Intercultural.

A primeira dimensão está relacionada com o "objectivo" da educação intercultural; aqui

temos conceitos tais como a equidade, a inclusão, a compreensão mútua, o respeito, a cidadania e crescimento. E também encontramos o conceito de europeísmo / identidade europeia.

A segunda dimensão refere-se aos "meios", estratégias ou processos para implementar uma abordagem intercultural na educação. Aqui estamos a falar sobre aprender, compreender, questionar e ao grupo dos termos de "relação": comunicação, relacionamento, intercâmbio e participação, cooperação, colaboração. O conceito de assimilação também aqui aparece.

A terceira dimensão dos conceitos torna explícito o que são os "materiais", as ferramentas para construir uma sociedade intercultural. Os conceitos que podemos incluir aqui são: curiosidade, consciência crítica, o relativismo cultural (e temos que explicar o que queremos dizer e discutir sobre isso), a consciência e experiências. E devemos incluir aqui os conceitos de diferenças, a diversidade cultural e também as minorias.

As respostas foram divididas entre aqueles que de entre nós disseram claramente que não, e aqueles que pensaram que também o são. Mas é importante notar que as pessoas que disseram "sim", especificaram muito bem os contextos específicos, como nós, a própria Rede InterNetwork ou qualquer outro projecto em que eles estejam envolvidos, ou na sua própria sala de aula ou em alguns cursos universitários. Por outro lado, aqueles que responderam "não", explicam muitas vezes que nos seus contextos, a Educação Intercultural é identificada apenas com minorias e com alunos imigrantes, e associada com a ideia de deficit ou de compensação. Assim, apesar das respostas opostas (alguns disseram claramente que sim, outros claramente que não) podemos ver aqui um acordo geral partilhado por quase todos os parceiros, e esta é a ideia de que a Educação Intercultural é posta em prática, apenas em contextos muito pequenos pelos membros da InterNetwork.

Foram reunidas as REFERÊNCIAS PRINCIPAIS da educação intercultural. Algumas referências foram introduzidas pelos parceiros, outras são simplesmente mencionadas. Portanto, organizamo-las em três categorias: "comentou referências", "páginas da internet" e "outras referências". Nós não vamos enumerá-las aqui, porque estão disponíveis no relatório final do Estado da Inovação no website da INTER NETWORK. (<http://internetwork.up.pt/>).

Formação de Professores.

A segunda dimensão diz respeito à análise da formação de professores. Queríamos saber o que os membros da Rede pensam sobre formação de professores em educação intercultural. Estávamos interessados em pareceres dos parceiros sobre a questão, mas também a sua sobre percepção dos seus contextos, e identificar as lacunas entre o que eles pensam que deveria ser e o que eles acham que existe. Apesar destas lacunas estávamos interessados em saber como é que essas lacunas poderiam ser ultrapassadas.

- Que tipo de competências, habilidades, atitudes, etc., nós pensamos que um professor de educação intercultural deve ter? Como é que um professor pode ter formação sobre este tema?
- Sobre que tipo de programas de formação intercultural de professores / iniciativas estamos a par?
- Quais são as necessidades / lacunas nesta área?
- Outras sugestões, comentários sobre como melhorar a formação dos professores de Educação Intercultural?

Os parceiros identificaram algumas ideias sobre Educação Intercultural, principalmente através da abordagem das diferenças (seja de uma forma positiva, como uma possibilidade, ou de forma negativa, ou como algo que precisa de ser resolvido), e também com a construção de pontes ou de valores comuns, entre eles, destacando a necessidade de viver, de participar e de colaborar.

Mas a maioria dos parceiros sublinharam a Flexibilidade, a Comunicação e o Pensamento crítico como as competências mais importantes para os professores de educação intercultural; e só depois de estarem conscientes da importância das diferenças é que estas se tornam importantes, juntamente com a equidade, a consciência dos próprios preconceitos e estereótipos e com a empatia. Alguns de nós também reafirmou a importância do respeito, Participação e da necessidade de ensinar sobre outras culturas. Com menos concordância surgiu a abertura à mudança, a curiosidade, a diversidade, a inclusão e o trabalho colaborativo. Finalmente chegou-se até certo ponto a um acordo, relativamente às ideias de abertura perante o meio ambiente, para se poder tornar um modelo e para se poder desenvolver valores comuns, assim como também a um certo relativismo cultural.

Verificamos que a maioria destas categorias implicam ideias, que poderiam ser entendidas em diferentes ângulos ou complementares do mesmo núcleo, que são representadas mais pela capacidade de ajustar-se a diferentes ambientes e contextos e a uma consciência crítica de si mesmo, destacando-se a ideia da diferença e mesmo da diversidade. Desta forma o que afirmam os professores sobre a interculturalidade tem mais a ver com a diversidade de qualquer aluno do que com os alunos de "outras culturas". O que quer dizer que as diferenças culturais foram identificadas na primeira dimensão de Educação Intercultural são menos importantes como competências do professor do que com a capacidade geral para reflectir e mudar através do ambiente social.

Partilhámos a maioria das ideias e, mesmo quando não o fizemos, enfatizámos os diferentes ângulos de um complexo professor ideal que deve ser flexível, a utilização do pensamento crítico, ter boas capacidades para comunicar, ser inspirado pela ideia da

equidade, estar ciente das limitações de preconceitos e estereótipos e para poder usar a empatia como um instrumento e ser capaz de gerir as diferenças. Ela ou ele deve mostrar respeito pelos alunos, promover a participação e ser capaz de ensinar e aprender sobre outras culturas, estar aberto a mudanças, ser curioso, desenvolver um trabalho cooperativo, valorizar a diversidade e ser orientada para a inclusão, usar o relativismo cultural como uma ferramenta, mas também deve ser capaz de construir valores comuns e de se tornar um modelo e estar aberto para o ambiente que o rodeia.

Esta pergunta não foi respondida em todos os questionários. As respostas mostraram que apenas um pequeno grupo de parceiros conhecem cursos de educação intercultural, mas eles não seguem esta perspectiva.

A mais generalizada reclamação nas respostas aos questionários é a falha entre a teoria e a prática, assim como a necessidade de começar a introduzir a abordagem intercultural no currículo. Muitos parceiros acharam necessário haver mais formação em práticas interculturais. Outros enfatizaram a necessidade de conhecimento mais prático e também uma melhor comunicação entre todos os actores sociais (políticos, pais, professores, directores, funcionários das escolas, outros trabalhadores e estudantes).

A maioria das respostas reivindica mais e melhor formação de professores, enfatizando a necessidade de facilitar (com ideias, troca de materiais, pensamento crítico, reflexão teórica, outro professor na sala de aula, o envolvimento de toda a comunidade educativa, mais tempo para professores, uma carreira mais estável para os professores, etc.) a transformação da escola actual, num centro de educação intercultural. Existem também outras ideias mais específicas, que estão disponíveis no relatório no site da InterNetwork. (<http://internetwork.up.pt/>).

Práticas escolares

A terceira dimensão da nossa análise refere-se à prática escolar. O nosso interesse prendeu-se com o recolher de opiniões referentes as práticas escolares interculturais, tentando, novamente, obter reflexões dos parceiros sobre os desfazamentos entre as suas ideias teóricas e a práticas nas escolas das suas áreas residenciais. Colocamos as seguintes questões:

- Que práticas e actividades escolares conhecemos (de experiência própria ou por referência) que se enquadram na nossa perspectiva de educação intercultural?
- Quais as discrepâncias existentes entre teoria e prática e entre programas educacionais de

professores e práticas escolares? Quais as propostas que podem atenuar estas discrepâncias?

As respostas mostram uma discordância fulcral, facilmente perceptível, pelo menos à primeira vista: há alguns parceiros que são da opinião que as suas ideias referentes à educação interculturais são postas em prática, conseguindo alguns dar alguns ou mesmo muitos exemplos, enquanto que outros parceiros não conseguem encontrar nas práticas escolares um reflexo das suas ideias. Seguidamente, iremos analisar esta situação mais pormenorizadamente.

Há mais parceiros que são da opinião que a Educação Intercultural é implementada do que o contrário, enquanto que alguns optam por uma posição intermédia. De entre os que responderam afirmativamente, muitos referiram como exemplo as suas próprias práticas. Existem apenas alguns “sins” sem hesitações, não tendo problemas em dar exemplos (alguns fornecem exemplos semelhantes ou os mesmos), nem em justificar porque consideram que estes podem ser considerados ambientes nos quais é praticado uma educação intercultural.

É curioso notar que alguns parceiros referiram algumas práticas como exemplos de uma educação intercultural, ao mesmo tempo que outros parceiros referem as mesmas práticas como exemplos do oposto, ou seja, com demonstrando falta de dimensionamento intercultural. Os exemplos mais significativos referem-se a programas compensatórios, juntar turmas na comunidade de Madrid e eventos interculturais. Podemos tentar clarificar estas respostas contraditórias de duas formas: a) elas enfatizam aspectos diferentes da mesma prática (e.g. ao juntar turmas alguns parceiros realçam o facto de os alunos estarem a ser ensinados separados do resto da escola) e b) as pessoas que responderam têm conceitos diferentes no que concerne a educação intercultural, alguns parecem associar educação intercultural com “culturas diferentes”, enquanto que outros a identificam como inclusão de todos os alunos ao mesmo tempo. Esta contradição pode facilmente ser entendida à luz da primeira dimensão do questionário, na qual a discordância fulcral se encontrava entre aqueles que ligam educação intercultural com “diferenças culturais”, “outros”, “minorias”, “etnicidade” e mesmo “cultura” e outros parceiros que criticam esta identificação e procuram um sentido mais lato de abordagem intercultural, como uma perspectiva educacional para TODOS os alunos (uma vez que somos todos diferentes) e não para grupos específicos rotulados de “diferentes”.

Neste aspecto, todos nós concordamos que existia uma discrepância, podendo ser consultadas as sugestões dos diferentes parceiros no relatório, que se encontra disponível no website (<http://internetwork.up.pt/>).

Recursos e comunicações

A última dimensão do questionário debruçou-se sobre **Recursos e Comunicações**. As perguntas foram as seguintes:

- Que recursos se enquadram numa perspectiva intercultural?

-Como deve ser a comunicação entre os membros de uma comunidade escolar de um ponto de

vista intercultural?

- Discrepâncias desta perspectiva

Os parceiros reponderam de duas formas. Alguns (cinco inqueridos) entendem por “recursos” principalmente recursos humanos e estratégias. Mas muitos identificam “recursos” como “recursos materiais”: livros e artigos, material audiovisual e websites. Todas as respostas encontram-se no relatório no website do projecto. (<http://internetwork.up.pt/>).

Os conceitos que os parceiros associam a comunicação intercultural neste sentido são **colaboração, horizontalidade, reciprocidade, respeito, coordenação, proximidade e padronização**. Algumas destas repostas voltaram a colocar a tónica nas **diferenças**, e há duas respostas que sublinham as **dificuldades na comunicação**, nomeadamente entre escola e pais. Os exemplos dados de comunicação intercultural pelos parceiros estão associados a ideias de **escolas abertas e comunidades de aprendizagem**.

AS NECESSIDADES E DISCREPÂNCIAS NO QUE DIZ RESPEITO A RECURSOS E COMUNICAÇÃO

identificado por parceiros estão disponíveis no relatório no website do projecto (<http://internetwork.up.pt/>).

Conclusões para discussão e propostas

No que se refere às respostas dos parceiros em relação ao significado de educação intercultural, concluímos que os conceitos mais referidos são **cultura e diferença**. No entanto, ambos foram utilizados com significados muito distintos, mesmo opostos, se tivermos em atenção o contexto no qual estes conceitos surgem.

De uma forma geral, podemos dividir as repostas em dois grupos. Um dos quais parece reflectir uma visão estática de cultura, de uma forma essencial, como uma mistura na qual podemos classificar as pessoas de acordo com as algumas características, (diferenças), partindo do princípio que cada um pertencente a uma determinada mistura ou grupo partilha a mesma forma de pensar, comportar e viver. Neste sentido, a cultura é tida como um objecto em vez de ser considerada como um conceito operacional que se refere a um processo. Consequentemente, a cultura é vista como algo fechado, determinado, que podemos ensinar ou aprender. Contudo, outros parceiros demonstraram preocupação em relação a esta forma de se perceber cultura e sublinharam a necessidade de perceber a cultura de uma forma dinâmica e não essencial.

Do mesmo modo, muitos parceiros enfatizaram o facto de que educação intercultural tem a ver com **diferenças**. Apesar de nenhum dos parceiros ter considerado esta ideia como central, muitos a utilizaram-na como “conceito oculto” quando se referiram ao acima mencionado. Os discursos mostram que quando os parceiros se referiam a cultura, equidade e inclusão, colaboração, troca, participação e relação, e mesmo aprendizagem, compreensão e questionamento, eles tinham em mente **diferenças**.

Do nosso ponto de vista, as respostas indiciam duas formas de perceber o conceito diferenças. Alguns parceiros referem-se às diferenças de uma forma que nos permite facilmente pensar que

todas as nossas diferenças estão incluídas (e.g. quando se faz referência a “diferentes passados”, “diferentes formas”, etc.). Mas existe outra forma de fazer referência as diferenças (e.g. “aceitar diferenças”), partindo-se, portanto, do princípio que algumas pessoas são diferentes e outras não, ou seja, apenas um grupo de pessoas é definido com base nas suas diferenças e estas diferenças são um desafio para o resto das pessoas, que tem de ser ultrapassado¹.

Pensamos que **cultura** e **diferença** são os verdadeiros conceitos-chave patentes na nossa noção de educação intercultural e é necessária mais discussão, a fim de clarificar a forma como os concebemos, uma vez que estes determinam a nossa percepção da abordagem intercultural e as suas implicações para ocorrerem mudanças nas ideias e práticas educacionais.

Outros conceitos a serem discutidos são **Europeização**, como parte dos objectivos de uma educação intercultural, **assimilação**, como o processo para se construir uma sociedade intercultural; e finalmente **minorias** como sendo material para trabalhar, partindo de uma abordagem intercultural.

No que diz respeito à **Europeização**, ou **construção de uma identidade Europeia**, consideramos que esta abordagem é muito limitada no que se refere a aspectos interculturais. Apesar de estarmos a trabalhar num projecto de dimensão Europeia, na nossa opinião a abordagem de educação intercultural vai além de fronteiras e identidades fechadas.

Por outro lado, **assimilação** seria uma abordagem errada de um ponto de vista intercultural: conduz-nos à invisibilidade da diversidade. Este conceito normalmente aparece associado a **minorias**, outro conceito controverso se o consideramos material para trabalhar no âmbito de uma educação intercultural.

Juntamente com estas assunções sobre cultura e diferença, identificamos outros dois assuntos para discutir entre parceiros no que se refere a programas educacionais de professores.

Em primeiro lugar, alguns parceiros são da opinião que competências interculturais não podem ser ensinadas nem aprendidas. Parece que isto significa que nem todos se podem tornar um professor intercultural: apenas professores com uma determinada forma de pensar (algum tipo de ideal social ou “ideologia”) ou os que possuem um carácter especial.

Por outro lado, e no que se refere as necessidades dos programas educacionais dos professores, enquanto que um grupo de parceiros refere a necessidade de reflectir e analisar as suas próprias ideias e práticas, outros pedem um programa educacional mais prático, centrado nas ferramentas e estratégias que os professores podem utilizar facilmente, um tipo de “receitas” para ambientes escolares multiculturais.

No que diz respeito a práticas escolares, é interessante verificar que alguns foram dados como exemplos de educação intercultural por alguns parceiros, e as mesmas práticas foram referidas por outros parceiros no sentido oposto, como sendo práticas que apresentam carências de um ponto de vista intercultural. Os mais importantes são programas compensatórios, juntar turmas na comunidade de Madrid e eventos interculturais. Podemos explicar estas respostas contraditórias de duas maneiras: a) elas enfatizam diferentes aspectos de uma mesma prática (e.g. no que diz respeito ao juntar de turmas, alguns referem que a variedade de alunos enquanto que outros

ênfatizam o facto de estes alunos serem ensinados afastados do resto da escola) e b) as pessoas que responderam tem diferentes ideias sobre educação intercultural, alguns parecem associar educação intercultural com “culturas diferentes”, enquanto que outros as identificam com a inclusão de todos os alunos *ao mesmo tempo*. Esta contradição pode facilmente ser constatada na primeira dimensão do nosso questionário, na qual a discordância mais significativa se prendeu com aqueles que associam educação intercultural a “diferenças culturais”, “outros”, “minorias”, “etnicidade” e mesmo “cultura” e outros parceiros que criticam esta identificação e remetem para um sentido mais lato da abordagem intercultural, como sendo uma perspectiva educacional para TODOS os alunos (uma vez que somos todos diferentes) e não para um grupo específico rotulado de “diferente”. Este segundo sentido tem mais a ver com os conceitos de “inclusão”, “participao”, “valores partilhados”.

Finalmente, no que se refere à dimensão de **recursos e comunicação**, gostaríamos de salientar que duas respostas se centraram nas dificuldades e limitações das relações fmilia-escola.

Uma das outras respostas culpa as fmlias pela sua falta de envolvimento, enquanto que outros culpam os professores que estão preocupados em manter as fmlias afastadas da escola. Isto deve-se ao facto de, por vezes, os professores acreditarem que as fmlias não concordam com alguns métodos inovadores relacionados com a abordagem intercultural, e outras vezes porque estão convictos que as fmlias não devem interferir na escola.

Como resultado da análise dos questionários, e tendo em conta as concordâncias e discrepâncias, o nosso propósito é aprofundar e tornar mais complexo o conceito de educação intercultural e a sua relação com programas educacionais de professores, práticas escolares e recursos. Para tal, julgamos que as seguintes questões podem servir de ponto de partida para discussões futuras, não apenas entre os parceiros mas também em toda a comunidade:

- Concordamos mais com ideias teóricas do que com o que consideramos praticas interculturais. Como podemos ultrapassar este obstáculo?

-Algumas pessoas relacionam educação intercultural com a construção da Europa. Em que medida podem ambas as ideias estarem relacionadas?

-Em relação ao conceito de diferença, será que a educação intercultural tem a ver com diferenças? Em que sentido?

- Muitos parceiros são da opinião que competências interculturais não podem ser ensinadas e/ou aprendidas? Concorda? Porquê? E quais julga serem as implicações de ambas as posições na selecção de professores?

_ Algumas necessidades educacionais dos professores identificadas no que se refere a uma educação intercultural centram-se em conhecimentos práticos e ferramentas que podem ser implementados facilmente, outras insistem em pesquisas e reflexões. Que aspectos devem ter mais peso no currículo de um professor?

Encorajamos todos a participar neste debate, enviando-nos comentários, opiniões, sugestões

utilizando secções de CONTACTO na Web page (<http://internetnetwork.up.pt>)

¹ Inés Gil Jaurena chegou à mesma conclusão na sua tese de Doutoramento intitulada “El enfoque intercultural en la educación primaria: una mirada a la práctica escolar” [*Abordagem Intercultural na Educação do Primeiro Ciclo: uma espreitadela à prática escolar*] Madrid, UNED, 2008.

This project has been funded with support from the European Commission.
This publication reflects the views only for the author, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.